

Visado
pela Comissão
de Censura

Ecoss da Franqueira

- AVENÇA -
Número avulso
25 centavosRedacção e Administração
Carvalhal — Barcelos

Director, Editor, Administrador e Proprietário

Publica-se aos Domingos

ASSINATURA: 10\$00 (por ano); 5\$00 (semestre)
P.º ANTE ADIANTADO

P.º José A. Aires

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIP. DA OFICINA DE S. JOSÉ — BRAGA

As raças históricas da Lusitania (Transcrição)

I

A obscuridade da História, desde a mais remota antiguidade, deu origem a grande numero de teorias que se generalizaram sem custo numa certa época.

A' medida, porém, que os horizontes da ciência histórica se alargavam, aquellas teorias iam desabando por falta de solidos alicerces.

Os gregos além de Tívia não viam senão Deuses; e para eles o mundo era como se não existissem mais povos.

Os romanos além de Romulos não viam senão Enéas; e atraz de Enéas sumiram a origem do seu paiz na mitologia, exactamente como os gregos!

Depois da Renascença, asseitou-se, em toda a Europa chamada *latina*, que todos estes povos descendiam dos romanos.

E, imitando os antigos, além de Romanos e Gregos os modernos historiadores não conheciam outros povos.

Assim como os romanos tinham orgulho em serem descendentes dos gregos, exagerando essa teoria até cairem no absurdo, — assim, sob a influencia da Renascença, os povos do Meio-Dia da Europa não quizeram descender senão dos fundadores do grande Imperio.

Esta teoria teve uma aceitação geral; ninguém mesmo a ousava ostentar; d'ela saíram muitos erros e absurdos; d'ela se abusou mesmo até ao extremo.

Depois dos notaveis trabalhos de Niebuhr, Mourmseau, Muler, Vico e outros historiadores insignes, caíram por terra as lendas da velha História.

A intelligencia humana apoderou-se das grandes leis ethnológicas que presidem á formação dos estados; e reconheceu-se que, tanto Gregos como Romanos, eram povos muito modernos com relação a outros de quem eles descenderam.

A História começou a ter extraordinaria importancia, — e a alargar, mais e mais, o campo por ella conquistado.

As velhas teorias foram abandonadas; e com ellas não podia, pela logica fatal, deixar de cair a teoria do *latinismo*, que lhes estava inteiramente ligada.

O fanatismo pela teoria latina fez com que os seus defensores não atendessem nunca o que foram os Romanos, — isto é, ao papel que representaram na civilização que elles crearam em volta de si.

Supozeram que foram um povo original; e d'ahi deduziram todas as suas teorias falsas.

Nós vamos, pela boca de Tito Livio, expôr a origem do povo romano.

Falando da fundação da cidade de Roma, diz aquelle historiador o seguinte:

«Crescia, no entanto a cidade, investindo com as muralhas já unis, já outros logares, como quem edificava, mais na esperança de futura grandeza, que para o numero de gente que então havia.

E para que não ficasse vazia a grande cidade, com essa astucia dos antigos fundadores que atrahiram de toda a parte gente obscura e humilde, e a faziam nascida da terra, — assim, para aumentar a população, declarou (Romulo) asilo esse logar que hoje, ao descer do Capitólio, vemos com sua cerca entre os dois bosques sagrados.

Ahi dos povos vizinhos correm a refugiar-se *toda a turba dos descontentes, sem distincção de livre e escravo, e este foi o primeiro reforço da começada grandeza!*

D'essa multidão de forasteiros creou cem senadores «ou porque esse numero (diz o mesmo escritor) bastasse, ou porque não houvesse mais de cem *dignos de serem eleitos Padres*.

«Padres» foram, deserto, chamados por título de honra, e «patrios» os seus descendentes».

E, falando do repto das Sabinas, exprime-se pelo seguinte modo: «Roma era já tão possante que podia medir as armas em qualquer das cidades confinantes; mas por falta de mulheres aquella sua grandeza não era para durar mais do que a idade de um homem, — porquanto, nem no seu domicilio tinham esperança de prole, nem direito a casar entre os vizinhos.

Então, por consulta do Senado, mandou Rombo, embaixadores aos povos circunvizinhos, propondo-lhes mutua celebração de tratados de aliança e contractos de casamento.»



Nossa Senhora da Franqueira

Segundo o mesmo escritor, a mensagem não foi ouvida em parte alguma «tanto os desprezavam (aos Romulos) e ao mesmo tempo temiam por si e seus vindouros, vendo no meio d'elles levantar-se um tal colosso!»

Os romanos, resolvendo então usar do disfarce e da traição, prepararam seus jogos em honra de Neptuno Equestre, e convidam para elles os povos vizinhos.

Com o desejo de ver a nova cidade concorreu a Roma gente imensa (*Cecineuses, Crustuminus, Antemates e Sabinos*).

A um sinal dado os romanos raptam as mulheres dos seus hospedes, o que originou a luta entre romanos, sabinos e aqueles povos que com estes correram a Roma a vêr as festas.

Esta guerra porém terminou pela paz entre romanos e sabinos e com a reunião dos dois povos n'um só estado.

«Daí por diante (diz Tito Livio) ficou o reino, não só comum aos dois, mas concorde».

Depois de Romulo, foi eleito rei Numa Pompilio, sabino de origem, o qual era conhecido pela sua illustração e ciência.

Numa Pompilio abandonou as armas e foi o primeiro que introduziu em Roma os principios da civilização antiga e as divindades da mitologia grega.

No tempo de Tulo Hostilio os romanos derrotaram os Albanos, e estes são igualmente transportados para Roma, a que Tulo juntou o monte Celio, onde edificou um palácio que foi habitar.

Esta nova cidade foi povoada pelos Albanos, a quem foram concedidos logares no Senado e nas legiões».

No tempo de Auco Marcio foi transportada para Roma a população da cidade latina *Politorium* (que os romanos arrazaram); foi-lhe dado o monte *Aventino*.

Roma ficou dividida por esta forma: os Albanos occuparam o monte Célio; os Sabinos, todo o Capitólio e Castello; e os Latinos, o Aventino.

(Continua na 4.ª pág.)

VARIEDADES

DOCTRINA

R canção da Velhinha

Como vós, ó raparigas,
Tive esperanças, amôres,
Como vós, julguei que a vida
Seria um campo de flôres

Como vós, que de ilusões
Se não iam dissipando,
Enquanto que as estações
Da idade iam passando.

Quantos castelos no ar
Levantam o pensamento,
Lindos sonhos a brilhar,
Desfeitos num só momento.

Saudades... agora espinhos
Dos sonhos do coração,
Hoje os filhos de meus filhos
Sonham meus sonhos de então.

Moça, brinquei nas devezas,
Por campos cheios de luz,
Sem ambições de grandezas
Que a tantos erros induz.

Depois, com pesar profundo,
Senti a vida pesar,
Que cada qual neste mundo
Tem sua cruz que levar.

Senti que a morte levava
Aqueles que tanto amei,
Que a sorte me separava
Doutros que a custo deixei.

Atudo me resignei;
Os entes que me ficaram,
Foram rosas que plantei
Em vez doutras que secaram.

O' mocidade ridente,
Chega o inverno das idades,
Nosso sonhar é diferente,
Os sonhos são as saudades!

MADRE SILVA.

Humildade

S. Francisco de Sales, ao mesmo tempo que se punha ao serviço de todos, evitava, quanto possível, que o servissem a êle próprio, e chegava até a concertar o seu fato, por suas mãos

Um dia em que se occupava neste humilde trabalho, um gentil homem, recentemente convertido, entrava inesperadamente no seu aposento, para lhe comunicar qualquer assunto importante. Vendo-o rebaixado a tão modesta occupação, não pôde ocultar o seu espanto perante tal humildade num homem da sua classe e do seu mérito.

—Não vejo inconveniente, respondeu êle sorrindo, em concertar eu próprio aquilo que eu próprio estraguei.

Os trabalhos humildes simplesmente aceites e simplesmente feitos por pessoas de alto valor, não as rebaixam, — elevam-nas.

NOTA ALEGRE

Um padeiro fornecia-se de manteiga de casa de um seu vizinho que negociava em lacticínios. Mas percebendo um dia que o peso da manteiga estava muito desfalcado, apresentou queixa em juizo.

No tribunal trava-se o seguinte diálogo:

—Pelo visto tens pesos falsos, diz o juiz ao fabricante de manteiga.

—O' senhor, se eu nem pesos tenho...

—E balança, tens?

—Balança, tenho.

—Como te arranjas então para pesar a manteiga?

—E' muito simples, senhor juiz. Sou freguêz de pão da páfaria de queixoso. Quando tenho de lhe pesar manteiga como antes um quilo de pão, e com êle peso a manteiga que lhe vende.

—Basta, diz o juiz.

O fabricante da manteiga foi mandado em paz e o padeiro condenado nas custas e selos do processo.

Secção charadística (*)

As decifrações dos trabalhos publicados no número anterior 2 são, respectivamente: Salmoura, Elvas, Amorosa, Viana, Josefa ou Noémi, Convento-conto, Lusa-asul, Amor e Filipe terceiro, o grande.

CHARADAS

1.ª EM VERSO

A' distinta charadista
Maria do Rosário.

Sendo insignia, afinal,
E' medida, tantas vezes —2
E do reino vegetal; —1
Mas na mão dos camponeses,
Quando a vida tem reveses,
Faz o bem e faz o mal.

Delna.

No campo e no vento —1
Vai fugindo no ar, —2
Mas tem seu assento
Juntinho do mar.

Campesino.

2.ª EM FRASE

—Esta planta faz sofrer muito o homem. —2 —1

Delna.

A' Ex.ma Sra. D.
Maria da Conceição Fontes.

—Quem foi que contou a V.ª Ex.ª que é preciso cavar para semear? —2 —2

Lebricho.

3.ª SINCOPADAS (por sílabas)

—3 — Levas um gancho preso da cinta? —2

D. Fuas.

Ao Rev.mo Mons.
Cónego Pereira Junior

Jesus disse, e V.ª Ex.ª o afirma:
—3 — "Atire a primeira pedra à mulher, aquele que estiver isento do pecado" —2

Lebricho.

ENIGMA

Ao distinto charadista Ello

Seguia rua afora um cavalheiro
—Um homem aliás considerado—
E ao vê-lo caminhar algo apressado,
Pergunto-lhe a razão d'ir tão ligeiro,

—Me deixa, por favor, José Loureiro;
Parar não me convem nenhum bocado
Do par que de mim vem aproximado,
Fugindo quasi venho o dia inteiro.

Os tipos, que, bem vêz, são semelhantes,
Gêmeos parecendo até que são,
A mim juntar-se querem quanto antes.

Evito de tal dar-se a ocasião.
Pois tornam-me mulher os tais tratantes
Se comigo conseguem a junção.

Lebricho

ADIVINHA

E' fruto que muito agrada
Ao nosso bom lavrador,
Pois, traz riqueza, valor
De colheita compensada.
Mas também é de respeito,
Arrelia, que ao sujeito
Faz a vida desesperada.

(*) NOTA—Toda a correspondencia relativa a esta secção, deve ser dirigido á rua da Ponte, 16, á

Lebricho.

Para melhor comprehenderem as tremendas obrigações contrahidas no Baptismo, refleti um pouco sobre os efeitos admiraveis que este sacramento produz nas almas. Fácil vos será vê-los se considerardes quão infeliz é o estado de um menino que se apresenta na igreja para ser baptisado; o que poderia inferir das próprias cerimónias que a Igreja pratica antes de lhe administrar este Sacramento.

Porque motivo o baptisado, pára á porta da igreja antes de ser introduzido no baptistério? Que denotam tantos exorcismos que faz o sacerdote, conjurando o demónio a que saia daquella criatura? Que indica o soprar-lhe o sacertote repetidas vezes no rosto, á semelhança do que, fez Deus quando infunliu em Ailão o espirito animador?

Que significa o banhar-lhe com saliva as narinas e as orelhas, á imitação do que Jesus Cristo fez com um enlemoninhado surdo-mudo? E aquellas repetidas cruces sobre a fronte, peito e espaldas, que querem dizer?

Tôlas estas cerimónias mostram com muita clareza qual é o estado infeliz daquela criança. O detê-la á porta do templo indica que não é digna de ser admitida no número dos fiéis, por que tendo sido excluida do céu pelo peccado original, deveria ficar excluida da Igreja, que é a sua figura e a sua porta. Os exorcismos que se fazem indicam que é escravo do demónio e que o espirito das trevas tem o seu trono niquella pobre alma. O soprar-lhe no rosto demonstra que se achá em estado de morte espiritual, do qual só pode sair pela graça de Jesus Cristo. O humedecer-lhe com saliva as narinas e as orelhas mostra que é incapaz de perceber o cheiro das coisas espirituais e de escutar com fruto as palavras de vida eterna.

Porém, apenas aquele menino é banhado com as águas do Baptismo, pronunciadas pelo sacerdote as palavras santificadoras: eu te baptizo em nome do Padre e do Filho e do Espírito Santo, realisa-se nele uma mudança tão repentina como ditosa: o demónio foge, o peccado original fica apagado, a graça entra e toma conta daquella alma inocente.

Um médico que afirma ter descoberto a maneira do coração não parar

O correspondente do «Matin» em Londres comunica que um médico americano de nome Hyman construiu um aparelho destinado a ressuscitar a vida do coração humano, quando êste tenha parado por doença ou accidente. A parte principal do aparelho consiste numa agulha que se enterra entre os ventriculos.

Por meio dessa agulha, é enviada ao coração uma série de ondas electricas a um ritmo perfeitamente igual ao bater do coração.

O inventor desta «máquina de fabricar a vida» afirma que fez numerosas experiências em animais, cuja morte datava de algumas horas e tinha sido scientificamente verificada. Em mais de 2.000 experiências só uma não deu resultado. Em todos os outros casos, a circulação do sangue voltou a normalizar-se e os pulmões voltaram a trabalhar.

O inventor garante que a applicação do seu aparelho não apresenta perigo e pede que os parentes das pessoas gravemente doentes o previnam, pois poderia, talvez, chegar nos últimos momentos e tentar impedir a morte. No entanto, até agora ainda ninguém respondeu ao apêlo do médico.

O homem pôde preparar o seu cavallo para o dia da batalha, mas só a Deus pertence dar a vitória.

Agulhas e alfinetes

Antigamente a Praça de S. Marcos, em Veneza, era apontada como extraordinária, não tanto pela sua inegável beleza, como pela curiosidade que ofereciam ao turista os seus bandos de pombos. Hoje não há cidade de certa importância onde os pombos não deem rendez-vous em qualquer jardim ou largo: em Paris vêem-se grandes bandos nos jardins das Tulherias; em Londres fazem a delícia dos visitantes do Hydepark; em Madrid, na Plaza de Armas e em Cibeles; em Barcelona nos Parques de Montjuich e de la Ciutadella; em Lisboa o monumento de D. Pedro IV é quase um pomal.

Um engraxador descobriu ha pouco tempo uma nova graxa que merece divulgar-se: esfrega-se o calçado com uma casca de laranja, deixa-se secar o sumo e puz-se lustro com a escova. O calçado adquire um lustro magnifico.

O cão continua senlo considerado um animal indispensavel na guerra,

Nas recentes manobras da Reichwehr, na Alemanha, appareceram numerosos cães providos de mascaras especiais contra os gases asfixiantes. Dizem os treinadores que a maior dificuldade no ensino dum cão de guerra é habituá-lo à mascara. O cão, talvez mais inteligente que o homem, julga as mascaras, uma coisa indigna para a sua espécie...

O algodão, segundo a interpretação que se pode dar aos mais antigos documentos, é empregado no fabrico de fios desde a mais alta antiguidade. Encontra-se assinalado na Biblia e os antigos autores Herodoto, Estrabão, Plínio, etc., a ele se referem tambem. As primeiras vestimentas em algodão appareceram na época das Cruzadas, vindas do Oriente. Começou a ser fiado no nosso continente em Veneza no século XIII, e daí se estendeu esta industria a toda a Europa.

O homem receptor

Há em Lady (Polónia) um homem cujo cerebro é, manifestamente, um receptor de T. S. F. E' um engenheiro chamado Roman, que se queixa de poder aperceber, sem o auxilio de qualquer aparelho, todas as comunicações radio-telefónicas, quer se trate de conferências quer de música, e isto num raio superior a três quilómetros do posto emissor. E' claro que a vida vai-se-lhe tornando impossível. Alguns especialistas de perturbações cerebrais, que o examinaram, confirmaram a verdade das suas afirmações. Roman vai ser conduzido a Paris a fim de ser observado, tentando-se, ao mesmo tempo, defendê-lo das ondas que lhe tornam a existência impossível, visto que apercebendo, ao mesmo tempo, as emissões de vários postos, os discursos, os «jazzs», as árias de ópera, etc., misturam-se dolorosamente no seu crânio, permeável a todos os ruídos.

Custa um pouco a acreditar neste fenómeno nervoso, mas, actualmente, já não há o direito de duvidar de coisa alguma.

Crónica da Semana

Cónego Cardyn. — Como os jornais noticiaram, veio a Lisboa expressamente para fazer uma série de conferências sobre organização católica o Sr. Cónego Cardyn, assistente eclesiástico de uma das mais fortes organizações da Bélgica. Sabido que neste país é onde o movimento social está em melhores moldes de formação, aquelas conferências não podiam deixar de despertar a maior atenção e o maior empenho em serem aproveitadas.

Porque a verdade é esta: nós, católicos temos de ir para essa organização, sob pena de num futuro muito próximo ficarmos esmagados pelas organizações dos nossos adversários. E' muito provável que esta afirmativa nos meios rurais, ainda não contaminados pelas doutrinas subversivas, cause estranheza e até uma certa repulsa. Mas, o que é certíssimo é que nos tempos que vão correndo já não basta que a mocidade sobretudo limite a sua acção ao cumprimento dos deveres de ouvir missa, confessar-se e comungar; torna-se indispensável a acção social que, agrupando os jovens em associações modulares, aprovadas pela Igreja, constitua uma poderosa força, que se oponha ao avanço das associações adversas, e lhe conquiste o terreno occupado.

Ora é neste campo benéfico, edificante, de utilidade oportuníssima, que Sua Santidade e o venerando Episcopado andam empenhados em organizar a acção católica. E' um problema que a todos deve merecer um cuidado atento, porque é da máxima responsabilidade. Conforme educarmos hoje a juventude e a lançarmos na vida laboriosa de amanhã, assim teremos os homens do futuro.

A época é de movimento associativo. Individuos isolados, dispersos, autónomos, são elementos sem combatividade ou dominados por um egoísmo estulto, ou vencidos por o marasmo de uma indiferença doentia.

Vamos para a associação. O nosso esforço, embora individualmente pequeno, dará cumulativamente uma grande força. O exemplo vem-nos da Bélgica, nação pequena como a nossa, porém, magnificamente organizada. O Sr. Cónego Cardyn mostrando o que lá se faz, os métodos de acção, a finalidade atingida, veio dar-nos uma proveitosíssima lição, que será posta em prática com a brevidade possível.

A organização é sempre uma engrenagem complicada. Mas espere cada um no seu posto, animado da melhor boa vontade, certo de que a voz do comando lhe chegará aos ouvidos. Nós somos por deficiência educativa, muito propensos à desconfiança. Quando apparece qualquer novidade ficamos sempre de pé a traz, como se costuma dizer. Neste caso não deve ficar-se apenas na expectativa. E' um movimento associativo ordenado por Sua Santidade o Papa, organizado e recomendado sob a autoridade dos Prelados e que no estrangeiro está já a prodazir abençoados frutos.

Nada de receios. Vamos para a organização!

A piedade no lar. — A corrente dos fiéis para os templos, afim de alimentarem e aperfeiçoarem a sua piedade cristã é necessária e muito louvável. Não deve, porém, ser tida como única e insubstituível. A piedade deve continuar no lar, deve ter aí um campo de acção prática e fervorosa. O lar deve ser um pequenino templo. São da tradição dos nossos antepassados os pequeninos oratórios caseiros, onde a família, venerando as pequeninas imagens da sua estima praticava os actos da mais pura devoção. Esta prática deve continuar, esta tradição não deve ser interrompida.

O santíssimo Rosário, a devoção dos meses de Maria, do S. Coração de Jesus, das Al-

mas e de S. José, as novenas da Imaculada Conceição, do Menino Jesus, do Espirito Santo e tantas outras, são práticas muito próprias destes pequeninos santuários de família.

A piedade no lar é, por ser mais recolhida, mais íntima, talvez mais humilde e não menos edificante.

Quantas virtudes cristãs não poderão exercitar-se no santuário do lar! Bastará que a mãe de família seja profundamente piedosa, para na sua casa arder intenso o lume da moralidade e da santificação.

Cultivemos, sim, a piedade nos templos, porque o culto a Deus e aos santos assim exige, o bem das almas o reclama, e o exemplo é uma grande força de atracção e de incentivo; mas que se não decure a piedade no lar. Como é doce, enternecedor, reconfortante, passar-se, à noite, por uma porta e ouvir-se lá dentro a reza do terço, cadencialmente, fervorosamente, em comum, desde o Chefé da família ao aimples criado!

Outrora havia ainda outra fórmula de cultivar a piedade. Os testamentos eram feitos sob a autoridade do pároco e as famílias deixavam os seus bens de alma entregues à responsabilidade do mesmo.

Não havia estas formalidades e despesas de hoje, que tanto arredam os fiéis da prática de fazer testamento. Porque se não há de voltar à antiga, apenas no que respeita ao assunto religioso ou eclesiástico, de os fiéis deixarem por escrito, à família, sob as vistas do pároco ou mesmo do Ordinário diocesano, os compromissos dos seus bens de alma?

Quantas pessoas falecem e ficam no olvido sem os benefícios de um sufrágio, quando muito, com uma missa celebrada, por satisfação ao público? E todavia, era tão fácil voltar à prática antiga, apenas neste particular! Era a piedade no lar, no exercício de uma das mais salutaras funções.

Pensem nisto os fiéis. Cuidem dos bens da alma enquanto é tempo. Façam do lar uma casa de oração e assim prolongarão a existência de pais aos filhos e da terra ao céu.

Indultos Pontifícios. — E' neste mês de janeiro que os fiéis se devem prevenir com os Indultos. Os respectivos impressos estão na mão dos Párocos. A esmola a dar, relativa às posses de cada um, é tão deminuta que não fere a bolsa de ninguém nem deve causar o mínimo retraimento.

O fim a que é destinada, as necessidades do culto em geral e a sustentação dos seminários em particular é de si mesmo tão importante e de uma eficácia tão evidente que não carece de demonstração.

Todos sabem que o culto nas igrejas é sustentado à custa das esmolas dos fiéis. Pois, nem sempre as esmolas particulares são suficientes para as grandes despesas da conservação dos templos, e, neste caso o Pároco recorre ao Prelado.

Todos sabem que a Diocese precisa de padres para o exercício da religião. Os aspirantes ao sacerdócio são, regra geral, recrutados nas classes humildes e pobres. Para os sustentar e educar é preciso muito dinheiro?

Quem o há-de dar?

Os fiéis, porque recebem o benefício da religião,

E a quem?

Ao Prelado, que é quem provê à sustentação dos Seminários.

Está a decorrer o mês em que os Indultos devem ser tomados. Católicos, a vossa esmola! Não a regateeis, sede católicos! A nossa esmola irá aliviar o Prelado de mil dificuldades e beneficiar o culto a Deus, para que todos devamos concorrer.

Voltaremos ao assunto.

As raças históricas da Lusitânia

(Continuação da 1.ª pág.)

Auco Marcio continuou a guerra contra os Latinos; e, tendo-lhes tomado a cidade Medulia, voltou a Roma «sendo então recebidos (diz Tito Livio) na cidade muitos milhares de cidadãos, a quem se deram estâncias junto ao templo de Marcio, afim de se reunir a Aventino ao Palácio.

Também se lhe adicionou o Janículo, não por falta de espaço, mas para que este padrao não viesse a servir aos inimigos».

Foi neste reinado que os romanos fundaram na foz do Tibre a cidade de Ostia, e nos seus arredores se fizeram salinas.

E assim dentro de Roma se foi formando uma população mestiça de todas as raças que habitavam a Itália.

E quem eram estes Sabinos, Albanos, Etruscos, Aborígenos, Latinos e tantos outros povos que habitavam a península italiana?

Povos com-irmãos e tão antigos como os Celtiberos que habitavam também em muitos estados independentes, a península hispânica.

Uns e outros tiveram a mesma origem comum; no entanto parece certo que a Itália pela sua posição central recebeu de todos os pontos extremos (incluindo a península ibérica) muitas colónias.

Parece que se estabeleceram duas correntes opostas de emigração, as quais se encontram na zona central.

«A Itália (diz Buruy) recebeu activamente colonias de todos os países que a rodeavam.

A Hespanha enviou-lhe as tribus ibéricas, os Sicanos e os Liguros; a Galia, os Celtas, os Ombríanos, os Insubros, os Cenomanes, etc.; os Alpes, os Etruscos da Récia; a Hyria, as numerosas tribus Pelasgas; a Grécia, as colónias helenicas; a Asia-Menor, os Tyrenianos.

A estes povos devem juntar-se as tribus da Itália central de origem desconhecida, os Oscos e os Sabelicos, que se diziam indígenas ou antochthonos. E tes povos são de origem pelasga.

Em quanto aos Etruscos ou Etrúscios (diz Maury no seu livro *A Terra e o Homem*), a sua origem é mui incerta; eles invadiram uma parte do território occupado originalmente por Ombríes; e a Antiguidade representa-os como vindos da Syria.

Tito Livio dá aos Albanos 400 anos antes da fundação de Roma!

(Continúa)

Fra Casil.

A Igreja do Convento da Franqueira

UMA RESPOSTA

Quando nas colunas d'êste semanário publiquei, por transcrição, os documentos que dizem respeito à questão que nos tribunais está correndo sobre uma presumível posse desta igreja, foi precisamente, ou por outra, scintosamente, que fizemos tal publicação, (releve-nos o Sr. Carlos de Lima esta confissão) para que o povo indiciado perante as argumentações que se estão apresentando conheça a verdade só a verd de.

Possuidos do tal talento jornalístico (coisa que por cá nunca passou) queremos declarar publicamente que não estamos habituados a lançar mão de habilidades.

Nêste assunto não somos equilibristas, o que não succede ao Sr. Carlos de Lima.

Senão vejamos:

Se tem a certeza de que a Igreja lhe pertence porque não apresenta perante a Justiça a documentação precisa para o provar matando a questão ao nascer?

Eu nada tenho com a questão senão o desejo de que a solução seja breve.

Mas, agora, já que o Sr. Carlos de Lima me picou sempre quero dar-lhe uma resposta à sua carta.

Resposta que julgo satisfazer.

As Leis promulgadas de 1830 a 1832, no tempo do ministro Aguiar (conhecido pelo Mata Fedes) o Governo autorizou a venda dos conventos exceptuando as igrejas e alfaias podendo ficar aquelas para igrejas paroquiais e estas para dividir pelas paróquias pobres.

Além disto existem documentos nesta cidade pelos quais se prova que as capelas que se acham disseminadas pelo monte pertencem à Misericórdia desta cidade.

E, para provar que tudo isto não é pertença particular, existe um legado na Ordem 3.ª de S. Francisco desta mesma cidade para mandar fazer a reparação de tais capelas uma vez cada ano.

Porque razão o Sr. Carlos de Lima não pede certidões de tudo isto e não junta ao respectivo processo?

Lá, o querer provar a posse pelo facto das chaves da igreja estarem na mão do cazeiro, francamente, vê-se que até nisso é trabalhar sobre o arame porque, na verdade, quem devia pedir ou reclamar a Igreja era o cazeiro.

Mas, se tal se desse lá ia a nossa Igreja Matriz para a posse do Sr. Sebastião de Brito, em casa de quem por longos anos estiveram entregues as chaves da mesma e até o edificio da Câmara, Paços do Concelho, Repartição de Finanças etc, etc... aonde as chaves (creio) ainda hoje lá ficam.

Com respeito ao que o falecido Arcebispo pessoalmente lhe disse—acreditamos—mas ainda temos presente o caso de um certo indivíduo que para prova o que dizia apresentava sempre testemunhas mortas ou ausentes.

Mas, Sr. Carlos de Lima, se a sua consciencia o aconselha a tomar conta de tudo aquilo, porque é seu, conseqüente, seja muito feliz e pondo cá em baixo uma cancela á primeira capela feche-a e não consinta que ninguém vá lá a cima... encomodá-lo.

E' o mal que lhe deseja o

Fra Casil.

O Monte da Franqueira e a gente do Carvalho

Desde há muitos anos que Barcelos teve pela Franqueira uma dedicação inexplicavel, mas a gente da freguesia de Carvalho não lhe é menos afeiçoada.

Em todos os transe porque tem passado o desenvolvimento turístico da Franqueira, se Barcelos nêles se tem visto envolvido, encontra sempre a seu lado a gente do Carvalho.

Esforços e grandes tem esta gente empregado para que a Franqueira seja o nosso Bom Jesus.

Ainda há bem pouco tempo a freguesia do Carvalho mostrou quanto se interessa pelo engandecimento daquele Monte, oferecendo gratuitamente todo o terreno por onde foi cortada a linda estrada que dá acesso à ermida de N.ª S.ª da Franqueira.

Na actual Comissão Administrativa da Confraria de N.ª S.ª da Franqueira, lá está a freguesia do Carvalho representada pelo nosso amigo Manuel Francisco Alves, homem de bem e trabalhador incançavel para tornar grandioso aquele ponto turístico.

E' um elemento de valor que Carvalho destacou para junto dos de Barcelos garantindo-lhe a sua solidiedade nos trabalhos incessantes e arduos para levarem a bom termo tudo quanto se tem ali feito e precisa fazer.

A gente do Carvalho é boa e continuará a sê-lo, e não deixará de empregar todos os seus esforços enquanto a Franqueira precisar de gente que trabalhe em seu favor.

É assim que o tem entendido o nosso bom amigo Manuel Francisco Alves a quem endereçamos os nossos melhores encómios e pedimos desculpa desta ousadia.

Oxalá que dentro em breve veja coroadado de bom exito o que me disse ter em vista fazer na Franqueira, pois teremos também o prazer de vêr aquele recinto mais agradável e amêno.

Fra Casil.

Rendimento ou esmolas recebidas na ermida da Franqueira

Foi de 149\$200 o rendimento das esmolas, recebidas no mês de Dezembro, findo, para a ermida da Franqueira, tendo assistido à contagem os nossos amigos, Manuel F. Alves, digno membro da Comissão Administrativa de N.ª Sr.ª da Franqueira, e do Ex.mo Sr. Tenente Francisco Cardoso e Silva, nosso illustre assinante e prestimoso colaborador:

Atendendo ás obras já realizadas e a outros melhoramentos que a digna Comissão tem em vista realizar, temos a certeza de que não hão-de faltar as esmolas de todos os verdadeiros devotos na Virgem da Franqueira.

Assinantes dos «Ecos da Franqueira»

Estão em cobrança as assinaturas d'êste Semanário e lembramos aos que nos honram com a sua assinatura, de que se encontram na C.ª Editora do Minho, Barcelos, os respectivos recibos, podendo desde já serem procurados.

Carta de Barcelos

Foi, aqui, bastante sentida a morte do pae do Sr. Arcipreste P.º Rios Novais.

— No passado domingo foi inaugurado o «Cine Sonoro» no nosso Teatro Gil Vicente.

— Pelo Sr. Dr. Ferreira Vele foram oferecidas algumas arvores para serem plantadas no Monte da Franqueira, bem como pela gerencia do Sindicato Agrícola desta cidade.

— Têm enfraquecido bastante os mercados semanais (feirze) devido ao agravamento dos impostos camararios.

O tempo chuvoso tem-nos apouquetado imenso concorrendo assim para a crise se acentue cada vez mais. — C.